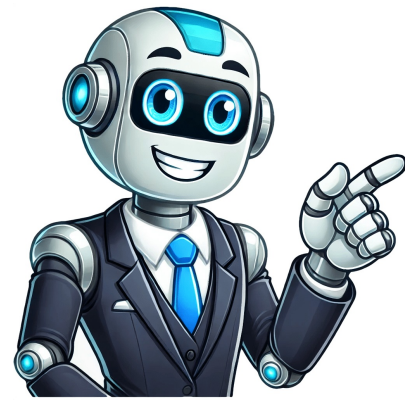


I'm not a robot



ARTIGO ORIGINAL PINHO, Raquel de Deus [1] PINHO, Raquel de Deus. O ensino da dança nas aulas de educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos do ensino fundamental. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 08, Ed. 04, Vol. 06, pp. 112-119. Abril de 2023. ISSN: 2448-0959. Link de acesso: <https://doi.org/10.37374/nucleodconhecimento.com.br/educacao/fisica/ensino-da-danca-RESUMO> dança vem crescendo gradativamente como atividade extracurricular, mas parece difícil referir-se à dança de ensino corporal. Nesse sentido, a dança requer reflexão, pois existe em diferentes lugares, em diferentes âmbitos e tem diferentes propósitos. Projetos de educação em dança devem ser incentivados nas escolas, devendo haver infraestrutura para isso, como: equipamento de som e salas adequadas. Na educação básica, nas escolas regulares, costuma-se considerar conteúdo de educação física e, nesse fato está claramente expresso nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular, embora também seja tratado no setor de artes, que inclui: dança visual, teatral e musical para a aprendizagem. A dança desenvolvida pela educação física nas escolas deve-se tornar mais abrangente e diversificada como ferramenta de ensino, ajudando o aluno a se conhecer e a viver plenamente, desenvolvendo habilidades motoras, físicas, cognitivas, psicológicas, sociais e motoras. Esta forma, conclui-se que a dança pode contribuir de forma positiva para o bem-estar físico dos alunos. Palavras-chave: Educação Física, Dança, Dança na escola, Ensino Fundamental. 1. INTRODUÇÃO A dança faz parte do tecido histórico da humanidade, sendo construída a partir da mistura a diversidade civilizacional, necessidades, cultos e crenças. Nesse sentido, a dança é uma expressão cultural que combina: movimento físico, música, ritmo, expressão e emoções múltiplas. A dança como expressão cultural tem histórico, cultura, sensibilidade e significado do povo que ela reproduz, sendo uma forma de linguagem, um modo de expressão que interage com o mundo. Partindo do entendimento e manifestação social da dança como uma das mais importantes formas de expressão humana, é importante ressaltar que ela enriquece a vida de quem a pratica (MATOS, VERDE; CORRÊA, 2019). Envolve práticas físicas refletidas na forma de movimento e emoção, atendendo a todos os alunos, independentemente de sexo, idade, raça, situação econômica ou outros fatores. Ressalta-se que a dança é uma cultura, uma expressão corporal, uma comunicação e, por isso, contém muitos conceitos que precisam ser compreendidos e estudados de forma específica. O conhecimento da própria cultura, como estratégia de transferência de conhecimento que integra a prática, é uma forma de enriquecer teoricamente (BEZERRA et al., 2020). A dança pode ser um meio de motivar os alunos a experimentar novas práticas, dando exemplos anteriores de sua importância e necessidade, devendo inspirar a criatividade para se expressar. Encorajá-los a se envolver de forma integrada, com conteúdo, sentimentos e emoções, para a sua formação, contribuindo para o processo de harmonia e socialização no próprio ambiente escolar (MATOS, VERDE; CORRÊA, 2019). A dança na escola e a educação física também podem ser consideradas como meio de desenvolvimento infantil em todos os aspectos da vida. Ela traz para o aluno uma nova experiência prática, torna as aulas mais divertidas e interessantes, além de proporcionar uma oportunidade de expressão corporal, criatividade e desenvolvimento motor. No entanto, a dança na escola enfrenta diversos desafios, como a falta de espaço físico adequado, a falta de formação dos professores e a falta de recursos materiais. Apesar disso, a dança na escola pode ser uma ferramenta poderosa para promover o desenvolvimento físico, emocional e social dos alunos. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo explorar a importância da dança na educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos do ensino fundamental. Para isso, serão analisados os aspectos teóricos e práticos da dança na escola, bem como os desafios e possibilidades de sua implementação. O trabalho está organizado em três partes: a primeira parte trata da importância da dança na educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos; a segunda parte trata dos aspectos teóricos e práticos da dança na escola; e a terceira parte trata dos desafios e possibilidades de sua implementação. Espera-se que este trabalho contribua para a reflexão sobre a importância da dança na educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos do ensino fundamental.

2. METODOLOGIA Sabe-se que a construção de estudos científicos requer um percurso metodológico. A partir disso, pretende-se desenvolver, sistematicamente, a metodologia do referido estudo. Ou seja, pretende-se basear-se em uma estrutura qualitativa frente a pesquisa bibliográfica, sendo realizada a discussão dos tópicos destacados por meio de artigos e leituras documentais. 3. DESENVOLVIMENTO 3.1 A DANÇA E SUAS QUESTÕES A dança é uma atividade rítmica e artística, que possibilita a expressão por meio de gestos e coreografias, transmitindo diferentes emoções de diversas formas e com diferentes objetivos. Ela existe em diferentes lugares e em diferentes culturas, cada qual com o seu ritmo. Esta forma de expressão, também, tem se mostrado importante no processo de ensino e aprendizagem (MATOS, VERDE; CORRÊA, 2019). A própria prática de exercícios é conhecida por proporcionar benefícios físicos e psicológicos para quem a pratica. Com o passar dos anos, a escola começou a valorizar o movimento e a dança, surgindo como tema. Para os alunos, a dança, além de estimular por meio de batidas musicais, é uma forma de desenvolver a criatividade e a invenção de comandos (BEZERRA et al., 2020). Entretanto, verifica-se que, ainda hoje, esta prática não é valorizada de forma adequada nas escolas. Isso ocorre porque a dança é vista apenas como uma atividade recreativa, sem valor educativo. No entanto, a dança pode ser uma ferramenta poderosa para promover o desenvolvimento físico, emocional e social dos alunos. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo explorar a importância da dança na educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos do ensino fundamental. Para isso, serão analisados os aspectos teóricos e práticos da dança na escola, bem como os desafios e possibilidades de sua implementação. O trabalho está organizado em três partes: a primeira parte trata da importância da dança na educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos; a segunda parte trata dos aspectos teóricos e práticos da dança na escola; e a terceira parte trata dos desafios e possibilidades de sua implementação. Espera-se que este trabalho contribua para a reflexão sobre a importância da dança na educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos do ensino fundamental.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS As aulas de educação física têm por finalidade apoiar o desenvolvimento físico, motor e psicomotor das crianças no seu cotidiano, sendo o ambiente educativo mais eficaz e concreto para a sua realização. Saliente-se que muitas crianças são expostas à atividade física pela primeira vez na escola, se relacionando, de forma direta, com as questões de melhoria da cognição e da capacidade motora. A atividade física é essencial para melhorar a saúde e o bem-estar de todas as pessoas em todas as idades, bem como para prevenir doenças, trazendo benefícios físicos, psicológicos e sociais (MATOS, VERDE; CORRÊA, 2019). Desde a aprovação da Lei Simplificada (Lei n. 9394/1996), a educação física tornou-se relevante no currículo e na proposta educacional das escolas, passando a fazer parte dos componentes curriculares da educação básica nacional. De acordo com a Lei de Diretrizes e Fundamentos da Educação (LDB), o Ensino Fundamental I compreende a faixa etária de 6 a 10 anos, e de 11 a 15 anos, e de 16 a 18 anos. Nessa idade, o campo da dança facilita o processo de ensino e aprendizagem, por ser uma fonte de informação necessária para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Alunos do ensino fundamental, portanto, são obrigados a participar das aulas de educação física "independente de cor, raça, etnia ou classe social" (MARTINEZ; CHAVES, 2020). De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a prática da educação física no ensino fundamental é importante e essencial, pois prevê a participação em atividades culturais, como jogos, esportes, artes marciais, ginástica e dança; proporcionando, aos alunos, recreação, interação e desenvolvimento físico, motor e psicomotor. A dança, portanto, é uma atividade essencial para o desenvolvimento físico, motor e psicomotor dos alunos. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo explorar a importância da dança na educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos do ensino fundamental. Para isso, serão analisados os aspectos teóricos e práticos da dança na escola, bem como os desafios e possibilidades de sua implementação. O trabalho está organizado em três partes: a primeira parte trata da importância da dança na educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos; a segunda parte trata dos aspectos teóricos e práticos da dança na escola; e a terceira parte trata dos desafios e possibilidades de sua implementação. Espera-se que este trabalho contribua para a reflexão sobre a importância da dança na educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos do ensino fundamental.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS Este estudo buscou explorar a dança como forma de incentivo para alunos participarem das aulas de educação física, uma vez que a aula de dança proporciona condições para que os alunos demonstrem suas emoções através do movimento, proporcionando melhor desenvolvimento motor e cognitivo, revelando a importância de trabalhar a dança na escola para que todos possam alcançar seus objetivos e superar seus medos. A dança certamente influencia no desenvolvimento dos discentes e melhora suas relações dentro e fora da escola. Ela traz alegria, aprendizado e conhecimento de novas culturas e ritmos. Conclui-se, portanto, que a dança na educação física é uma forma de ensinar, socializar e desenvolver novos conhecimentos, além de abordar a satisfação e autoestima de forma a atender às suas necessidades. REFERÊNCIAS ALMEIDA, Hilgelyne de Freitas Timoteo. et al. Lazer na Educação Física escolar: percepções dos professores de educação física das escolas estaduais de educação profissional. In: Educação Física e Suas Interfaces: lazer, aventura e meio ambiente - Volume 2. Editora Científica Digital, 2022. BEZERRA, Tereza Oliveira. et al. Saberes em Dança percebidos entre escolares de uma escola pública da cidade de Altamira-PA. Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu, v. 11, n. 2, 2020. FREIRES, Antonio Laurentino. et al. Educação física nos anos iniciais do ensino fundamental: um estudo de caso a partir das percepções de professores da Escola Vereador João Gonçalves do Município de Maripólis, Paraíba. Research, Society and Development, v. 11, n. 4, e330142255-430142255, 2022. JESUS, Leonardo Leite de. JESUS, Lídia Batista Leite de. Jogos esportivos coletivos na educação física: uma intervenção pedagógica para o desenvolvimento motor e cognitivo. In: Jogos e Esportes na Educação Física: uma abordagem pedagógica. Editora Científica Digital, 2022. MATOS, Meriane Teixeira de. VERDE, Evandro Jorge Souza Ribeiro Cab; CORRÊA, Lúcia Maria de. Educação Física e o ensino transverso. Revista Ensino de Ciências e Humanidades - Cidadania, Diversidade e Bem-Estar - REDH, v. 3, n. 1, 382-424, 2019. MARTINEZ, Vora M.; CHAVES, Fernando Ed. A motivação nas aulas de educação física no ensino médio. Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 56-80, 2020. ROCHA, Mariana Amarante. O papel do professor de Educação Física escolar frente ao comportamento sedentário em crianças e adolescentes do Ensino Fundamental. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física), Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. 49 f. [1] Pós Graduação (Lato Sensu) em Musculação e Treinamento de Força - UFRJ. Pós Graduação (Lato Sensu) em Educação Física Escolar - UNIFB. Graduação em Licenciatura em Educação Física - UFRJ. Bacharelado em Educação Física. ORCID: 0000-0003-0064-6920. Enviado: 13 de dezembro, 2022. Aprovado: 12 de abril, 2023. ARTIGO ORIGINAL MARTINS, Vanéria Paula Sousa [1] MARTINS, Vanéria Paula Sousa. A influência da dança na aprendizagem escolar. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 07, Ed. 02, Vol. 04, pp. 21-31. Fevereiro de 2022. ISSN: 2448-0959. Link de acesso: DOI: 10.37374/nucleodconhecimento.com.br/educacao/influencia-da-danca-RESUMO Embora a dança seja considerada uma manifestação corporal presente no processo da civilização humana desde tempos remotos e de suma importância no processo educacional, apenas o básico não tem sido suficiente para garantir o seu ensino escolar. conteúdo dança nas escolas deve persuadir as pessoas sobre os benefícios que ela propicia ao educando. Ao indagar sobre a dança no desenvolvimento do aluno, surge um questionamento se: A dança pode melhorar a aprendizagem dos alunos na escola? O estudo teve como objetivo principal estudar a influência que a dança pode exercer no desenvolvimento físico, motor e psicomotor dos alunos. Para isso, foram analisados os aspectos teóricos e práticos da dança na escola, bem como os desafios e possibilidades de sua implementação. O trabalho está organizado em três partes: a primeira parte trata da importância da dança na educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos; a segunda parte trata dos aspectos teóricos e práticos da dança na escola; e a terceira parte trata dos desafios e possibilidades de sua implementação. Espera-se que este trabalho contribua para a reflexão sobre a importância da dança na educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos do ensino fundamental.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS Este estudo buscou explorar a dança como forma de incentivo para alunos participarem das aulas de educação física, uma vez que a aula de dança proporciona condições para que os alunos demonstrem suas emoções através do movimento, proporcionando melhor desenvolvimento motor e cognitivo, revelando a importância de trabalhar a dança na escola para que todos possam alcançar seus objetivos e superar seus medos. A dança certamente influencia no desenvolvimento dos discentes e melhora suas relações dentro e fora da escola. Ela traz alegria, aprendizado e conhecimento de novas culturas e ritmos. Conclui-se, portanto, que a dança na educação física é uma forma de ensinar, socializar e desenvolver novos conhecimentos, além de abordar a satisfação e autoestima de forma a atender às suas necessidades. REFERÊNCIAS ALMEIDA, Hilgelyne de Freitas Timoteo. et al. Lazer na Educação Física escolar: percepções dos professores de educação física das escolas estaduais de educação profissional. In: Educação Física e Suas Interfaces: lazer, aventura e meio ambiente - Volume 2. Editora Científica Digital, 2022. BEZERRA, Tereza Oliveira. et al. Saberes em Dança percebidos entre escolares de uma escola pública da cidade de Altamira-PA. Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu, v. 11, n. 2, 2020. FREIRES, Antonio Laurentino. et al. Educação física nos anos iniciais do ensino fundamental: um estudo de caso a partir das percepções de professores da Escola Vereador João Gonçalves do Município de Maripólis, Paraíba. Research, Society and Development, v. 11, n. 4, e330142255-430142255, 2022. JESUS, Leonardo Leite de. JESUS, Lídia Batista Leite de. Jogos esportivos coletivos na educação física: uma intervenção pedagógica para o desenvolvimento motor e cognitivo. In: Jogos e Esportes na Educação Física: uma abordagem pedagógica. Editora Científica Digital, 2022. MATOS, Meriane Teixeira de. VERDE, Evandro Jorge Souza Ribeiro Cab; CORRÊA, Lúcia Maria de. Educação Física e o ensino transverso. Revista Ensino de Ciências e Humanidades - Cidadania, Diversidade e Bem-Estar - REDH, v. 3, n. 1, 382-424, 2019. MARTINEZ, Vora M.; CHAVES, Fernando Ed. A motivação nas aulas de educação física no ensino médio. Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 56-80, 2020. ROCHA, Mariana Amarante. O papel do professor de Educação Física escolar frente ao comportamento sedentário em crianças e adolescentes do Ensino Fundamental. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física), Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. 49 f. [1] Pós Graduação (Lato Sensu) em Musculação e Treinamento de Força - UFRJ. Pós Graduação (Lato Sensu) em Educação Física Escolar - UNIFB. Graduação em Licenciatura em Educação Física - UFRJ. Bacharelado em Educação Física. ORCID: 0000-0003-0064-6920. Enviado: 13 de dezembro, 2022. Aprovado:

Mesmo que, até os dias atuais, muitas dessas propostas e ideologias ainda estejam na teoria, outras já foram esquecidas com o passar do tempo. Com a Constituição de 1824, surge o acordo que afirma que a educação primária é gratuita para todos, que assegurava em seu Art. 1o que “em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverá as escolas para primeiras letras que forem necessárias”. (www.pedagogiaemfoco.pro.br) Realmente, contrariando hoje, inúmeras escolas distribuídas por todos os lugares, porém falta estrutura física e pedagógica, essas escolas existem, mas muitas delas sem apoio político, social e econômico. Além disso, a maioria das escolas não possui uma péssima estrutura física. Além do mais, são salas de aulas com mais de 40 alunos, quando na verdade deveriam ter apenas 25, infelizmente essa é a triste realidade de nossas escolas. Com a descentralização da educação básica, instituída em 1934, é autorizado as províncias o direito de legislar sobre a educação primária, em consequência disso se ampliou ainda mais as diferenças sociais e econômicas entre as elites do País e as camadas sociais populares. PILLETTI (1996) Tais diferenças sociais são perceptíveis até os dias atuais, no qual ainda persiste uma desigualdade social bastante relevante, onde a denominada Elite prevalece, em termos sociais e econômicos, sobre as camadas sociais mais populares. A educação, ainda sofre as consequências do jogo de poder, por estar de fato abrangida na política. Durante a década 20, o Brasil começou a rever e reconstruir diversos dos seus setores, o setor educacional sofreu inúmeras reformas no ensino. Com isso, surgiu a primeira grande geração de educadores, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Almeida Júnior, entre outros. Esses educadores tinham idéias de “educação para todos” e “educação gratuita” dando início à democratização do ensino. Eles ainda publicaram o Manifesto dos Pioneiros, documento que defendia a igualdade da educação, visto que eles eram contra ao caráter discriminatório e antidemocrático que existia na época, onde destinava a escola profissional para os pobres e o ensino acadêmico para a denominada elite. ARANHA (2006) Atualmente, a luta desses educadores ainda é defendida por muito professores, visto que as idéias desses educadores, “educação para todos” e “educação gratuita”, continuam a existir somente no documento. Logo, continuamos a viver à mercê desse caráter discriminatório e antidemocrático, no qual a “educação”, no sentido global, é na verdade para uma minoria de privilegiados, e os menos favorecidos continuam a receber uma educação que favorece a subordinação. Em 1934 ocorreram avanços expressivos na área educacional. De 1945 até 1964, a educação brasileira passou por transformações significativas, destacando-se campanhas e movimentos de alfabetização de adultos, além da expansão do ensino primário e superior. E também a consolidação do projeto da primeira LDB que foi aprovada em 1961, lei nº 4.024. No período de 1969 e 1971, foram sancionadas respectivamente a Lei 5.540/68 e 5.692/71, incluindo mudanças significativas na estrutura de ensino. Em 1988 é promulgada uma Constituição que destaca a universalização do ensino fundamental e o fim do analfabetismo, como consequência disso a LDB 4024/61 cai em desuso. (ARANHA, 2006) Com isso percebemos que apesar do projeto da lei nº4024/61 ser avançado, com propostas bastantes relevantes, na época da apresentação, ele se tornou antigo no decorrer dos debates, discussões e do confronto de interesses. Com o passar do tempo, as propostas se encontraram ultrapassadas, os interesses e os objetivos já não deveriam ser os mesmos. Somente em 1996 surgiu a atual LDB 9394/96, que foi sancionada em 20 de dezembro de 1996. Baseada no princípio de “educação para todos”, a LDB de 1996 trouxe mudanças significativas para a educação, como a inclusão da educação infantil (creches e pré-escolas) como primeira etapa da educação básica: “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDB 9394/96 Art. 29). Atualmente, muitas mudanças ocorreram na educação, porém a mesma continua a ter características de exclusão social, visto que ainda há uma enorme diferença social, onde a classe dominante recebe uma educação para a formação do cidadão num todo e a classe menos favorecida uma educação para manter a situação de subordinação. Vivemos numa sociedade marcada pela história educacional de dominação, onde prevalecem as idéias da classe dominante, onde a “igualdade de educação para todos” só existe teoricamente. No entender de SAVIANI (2003), a sociedade esteve condenada por diversos séculos a idéia de que o ensino era apenas para alguns, e por isso os demais não precisariam aprender, o mesmo ressalta tal afirmativa ao declarar que “a sociedade como sendo essencialmente marcada pela divisão entre grupos ou classes antagonicas que se relacionam à base da força, a qual se manifesta fundamentalmente nas condições de produção da vida material”. Diante da visão do autor, aqui cabe, mais uma vez, ressaltar que, em todas as épocas a educação foi seletiva, não democrática, um privilégio de poucos. Constatamos ainda hoje, que sempre a parte mais pobre da sociedade é excluída da escola, do direito à educação. Educação no sentido, de formação integral do sujeito, enquanto cidadão crítico e reflexivo. Desta forma, conclui-se que desde o início sofremos da falta de estrutura e investimento na área educacional. Reservada a uma elite dominante e totalmente exploradora, a história da educação caminhou por veredas tortuosas, estando sempre voltada a dominação social. I. III. – O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM Atualmente, não só na área da educação, mas também em outras áreas, pensa-se no indivíduo como um todo e, portanto, amplia-se o conceito de educação, para o conceito do processo de ensino-aprendizagem. As reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem nos permitem levar todos a repensarem a prática educativa. Entender hoje as escolas e observar as salas de aula como uma comunidade culturalmente constituída por meio da participação de diferentes sujeitos, que assumem diferentes papéis no processo ensino-aprendizagem. GARRIDO (2002) Diante de tantas reflexões, a situação atual da prática educativa das escolas ainda demonstra os alunos com pouca ou nenhuma capacidade de poder critico-reflexivo, a obrigação dos mesmos em decorar os conteúdos, além da hierarquia entre educador e educando. VERDERI (2009) declara que: “o professor deve conscientizar-se de que o momento é de inovar e ousar, que os tempos de cópias já se afastaram juntamente com paradigmas que não se enquadram mais nas novas visões de uma pedagogia preocupada com a formação integral do educando.” Diante de tal afirmativa, a solução está na reflexão de como os educandos aprendem e como o processo de ensinar pode conduzir à aprendizagem. Considerando que o aluno não foi programado para imitar, que o mesmo só estará satisfeito e realizado se estiver participando ativamente das atividades, podendo explorar sua criatividade e expor seus conhecimentos. Pensar no processo ensino-aprendizagem de forma a promover a construção de conhecimentos traz a idéia de seres humanos como indivíduos inacabados e passíveis de uma capacidade de refletir criticamente o aprendido. Nesse processo de construção do conhecimento alunos e professores são sujeitos e devem atuar de forma consciente. Não se trata apenas de sujeitos do processo de aprendizagem, mas de seres humanos inseridos numa e cultura e com histórias e experiências particulares de vida. FREIRE (1997) explica o homem só passou a ensinar quando descobriu que era capaz de aprender. Foi desenvolvendo a capacidade de aprender que ele se descobriu capaz de ensinar. Nessa perspectiva os professores enquanto ensinam aprendem e os alunos enquanto aprendem ensinam. Todo processo ensino aprendizagem depende do interesse dos sujeitos participantes, alunos, professores, comunidades escolares e demais fatores do processo. Assim, a aprendizagem se dá na coletividade, mas não perde de vista o indivíduo que é singular (contextual, histórico, particular, complexo). Com isso, é preciso compreender que o processo ensino-aprendizagem se dá na relação entre indivíduos que possuem sua história de vida e estão inseridos em contextos de vida próprios. Nessa perspectiva, o processo ensino-aprendizagem vai ocorrer através da relação entre sujeitos em permanente socialização de experiências e saberes. Para que o processo ensino aprendizagem ocora, VYGOTSKY (1991) afirma que é necessário que o professor desafie o nível em que o aluno está, não desrespeitando seus conhecimentos e experiências anteriores, mas tendo um olhar para o futuro, para as capacidades que desenvolverá, possibilitando a socialização das experiências culturais acumuladas historicamente pela humanidade. Nessa perspectiva, o processo de ensino-aprendizagem possibilita que os sujeitos – professor e alunos – se encontrem, troquem, socializem conhecimentos, experiências, afetos, histórias, sonhos e utopias. O professor sempre mediando com instrumentos pedagógicos e psicológicos. Os alunos respondendo e também sendo mediadores dos que ainda não conseguiram. Na verdade, alunos e professores vivem numa eterna troca, num processo de interação, onde um aprende com o outro. E nessa troca não existe um único detentor do conhecimento, mas seres inacabados que aprendem e se ensinam mutuamente. VYGOTSKY (1989) afirma que o auxílio prestado à criança em suas atividades de aprendizagem é válido, pois, aquilo que a criança faz hoje com o auxílio de um adulto ou de outra criança maior, amanhã estará realizando sozinha. Desta forma, o autor enfatiza o valor da interação e das relações sociais no processo de aprendizagem. Diante disso, ainda é importante ressaltar que, o processo ensino-aprendizagem ocorre a todo o momento e em qualquer lugar. Portanto, o que se questiona neste processo é, qual o papel da escola? Como deve esta ser considerada? E qual o papel do professor? É papel da escola realizar a mediação entre o conhecimento prévio dos alunos e o sistematizado, propiciando formas de acesso ao conhecimento científico. E como tal, deve ser considerada como um contínuo processo de desenvolvimento influenciando e sendo influenciada pelo ambiente, no qual deve existir um ambiente dinâmico e contínuo, que contribua para o processo de aprendizagem. A escola é um dos agentes responsáveis pela integração da criança na sociedade, além da família. É um componente capaz de contribuir para o bom desenvolvimento de uma socialização adequada a criança, através de atividades em grupo, de forma que capacite o relacionamento e participação ativa das mesmas, caracterizando em cada criança o sentimento de sentir-se um ser social. O papel do professor é o de conduzir e orientar os alunos, de modo que cada um deles seja um sujeito consciente, ativo e autônomo. É seu dever favorecer o processo ensino-aprendizagem e refletir o seu papel no todo e isoladamente. VERDERI (2009) afirma que: “o professor é aquele que cria condições para o processamento das atividades e o aluno, aquele que busca, dentro desse contexto, condições para o seu pleno desenvolvimento. Que nessa relação, o professor também possa aperfeiçoar os conhecimentos já trazidos pelos alunos e, a partir daí, explorar novas formas de conhecimento mais complexas”. Isso nos faz refletir que, há aprendizagens dos dois lados e que para desencadear o processo de aprendizagem dos alunos, o professor precisa possibilitar condições para que os mesmos elaborem, critiquem o conhecimento, e dele se aproprie. Logo, permanece ao professor o desafio de tornar as práticas educativas mais condizentes com a realidade, mais humanas e, com teorias capazes de abrangeer o indivíduo como um todo, promovendo o conhecimento e a educação. Diante dos fatos, entende-se que a aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicosociais e culturais. E o ensino só tem sentido quando implica na aprendizagem, por isso é necessário conhecer como o professor ensina e entender como o aluno aprende, só assim o processo ensino aprendizagem poderá acontecer e o aluno conseguirá aprender a pensar, a sentir e a agir. II. – A DANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR: SEU HISTÓRICO E SUA PARTICIPAÇÃO PEDAGÓGICA II. 1. – Dança no espaço escolar A vida humana na Terra se substantiva através do corpo. É ele que nos faz vivos e concretiza a nossa existência. Da mesma maneira a dança trata do resgate da própria personalidade, do contato com o lado mais humano através da expressão artística: o indivíduo se expressa e se torna capaz através da Arte que produz e que lhe devolve toda a sua potencialidade de viver e de se realizar plenamente. (www.nima.puc-rio.br) Isso nos faz compreender que através da dança o indivíduo é capaz de demonstrar aquilo que ele pensa, que ele entende, ou seja, ele é capaz de demonstrar os seus conhecimentos e habilidades, de maneira mais transparente possível, ele se expõe por completo. Historicamente, o homem utilizava-se da dança apenas para expressar sentimentos e agradecimentos. Apesar de esse caráter persistir ainda hoje, outros aspectos foram incorporados a dança, contribuindo para o seu crescimento enquanto arte e educação. Entretanto esta visão já vem se modificando. De acordo com OSSONA (1988), atualmente existe uma melhor compreensão a respeito dos valores formativos e criativos da dança, que levam a uma ampliação das ações corporais. Com isso, no Brasil e no mundo, a dança vem ganhando cada vez mais espaço pelos benefícios que vão desde a melhora da autoestima, passando pelo combate ao estresse, depressão, até o desenvolvimento da aprendizagem. A cada dia a dança vem expondo seus aspectos positivos dentro da formação do sujeito, através da educação, e até mesmo contribuindo para a construção da sociedade. Atualmente, a dança tem se tornado um estilo alternativo nas práticas pedagógicas, por orientar o movimento corporal de cada aluno de forma a explorar sua capacidade de criação, estimulando o autoconhecimento e favorecendo para aprendizagem. Segundo OSSONA (1988) “a dança ainda é uma manifestação de caráter ético, é quando mais se parece com a “expressão corporal”, que foi ganhando terreno nos esquemas da educação”. Contudo, a dança ao ser inserida ao conteúdo escolar não pretende formar bailarinos, antes disso, consiste em oferecer ao aluno uma relação mais efetiva e íntima com a possibilidade de aprender e expressar-se criativamente através do movimento. Nessa perspectiva, o papel da dança na educação é o de contribuir com o processo ensino-aprendizagem, de forma a auxiliar o aluno na construção do seu conhecimento. E também, assistir o professor enquanto recurso pedagógico. VERDERI (2009) declara que: “a dança na escola deve proporcionar oportunidades para que o aluno desenvolva todos os seus domínios do comportamento humano e, por meio de diversificações e complexidades, o professora contribua para a formação de estruturas corporais mais complexas.” Essa proposta se resume na busca de uma prática pedagógica mais coerente com a realidade escolar, onde a dança preparará o corpo e a mente dos alunos a fim de que se exercitem de acordo com suas necessidades, estimulando através dos movimentos espontâneos e a precisão do gesto, o processo ensino aprendizagem. Com isso, percebemos que a dança na escola não é arte do espetáculo, é educação por meio da arte. E tem sua importância para se alcançar os objetivos da Educação, um deles sendo o desenvolvimento do aspecto afetivo e social. Deste modo, esta prática propicia ao aluno grandes mudanças internas e externas, no que se refere ao seu comportamento, na forma de se expressar e pensar. Segundo LABAN, (1990) “Quando criamos e nos expressamos por meio da dança, interpretamos seus ritmos e formas, aprendemos a relacionar o mundo interior com exterior”. As vezes, viver em sociedade é muito difícil, pois inclui aceitar o outro, suas opiniões e maneiras, aceitar os “não” que a vida nos proporciona. De fato, aprender a conviver no mundo exterior. Nessa perspectiva, compreendemos que a dança permite ao indivíduo não só uma busca de sua personalidade, mas ensina-o a viver em sociedade, a se relacionar com o seu eu e com o próximo, de forma prazerosa e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. Para MORANDI (2006), a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. Nessa perspectiva, é papel da escola realizar a mediação conhecimento e a espontaneidade, ou seja, a escola precisa criar meios de aprendizagem por meio da dança, de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo. Contudo, o uso da dança na sala de aula não deve visar apenas proporcionar a experiências com corpo e diminuir conflitos decorrentes de esforços intelectuais excessivos. Na medida em que favorece a criatividade, pode trazer muitas contribuições ao processo de aprendizagem, se integrada com outras disciplinas. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e não como uma obrigação. A criança tem necessidade de andar e saltar, não a podemos condenar a ficar imóvel, porque certamente falharia a aprendizagem (...). Porém, a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil (...). (FREINET, 1974) Diante disso, dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança que nasce “dançando”, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. Para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. O papel da dança na prática educativa tem o objetivo de resgatar, de forma natural e espontânea, as manifestações expressivas da nossa cultura. A expressão corporal como recurso da